

**INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA
CÂMPUS JARAGUÁ DO SUL - CENTRO
CURSO TÉCNICO EM QUÍMICA**

**ARTHUR SCORCI DE ARAÚJO
BRENDA JULIA HILBERT
IGOR PAES MACHADO
JACKSON DE SOUZA
MANOEL ALVES DE ANDRADE NETO
MATEUS VITOR COSTA DIAS
ROGER SAMUEL CHELO PEREIRA SOUZA
RYAN MATEUS JUNIOR DA SILVA**

Machismo em instituições de ensino: A frequência com a qual as professoras do
Instituto Federal de Santa Catarina sofrem machismo

ARTHUR SCORCI DE ARAÚJO
BRENDA JULIA HILBERT
IGOR PAES MACHADO
JACKSON DE SOUZA
MANOEL ALVES DE ANDRADE NETO
MATEUS VITOR COSTA DIAS
ROGER SAMUEL CHELO PEREIRA SOUZA
RYAN MATEUS JUNIOR DA SILVA

Machismo em instituições de ensino: A frequência com a qual as professoras do Instituto Federal de Santa Catarina sofrem machismo

Projeto de pesquisa do Conectando Saberes da primeira fase do Curso Técnico em Química do Instituto Federal de Santa Catarina, câmpus Jaraguá do Sul – Centro, Semestre 2025.1.
Orientadoras: Izabela Fagundes e Mariana de Fatima Guerino

Jaraguá do Sul
2025

SUMÁRIO

1 TEMA.....	3
2 DELIMITAÇÃO DO TEMA.....	3
3 PROBLEMA DE PESQUISA.....	3
4 HIPÓTESES.....	3
5 OBJETIVOS.....	4
5.1 OBJETIVO GERAL.....	4
5.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	4
6 JUSTIFICATIVA.....	4
7 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA / REVISÃO DE LITERATURA.....	6
7.1 MACHISMO NO CONTEXTO HISTÓRICO.....	6
7.1.1 Primeira e segunda ondas do feminismo.....	7
7.2 MACHISMO NA ATUALIDADE.....	9
8 METODOLOGIA.....	13
9 CRONOGRAMA.....	14
REFERÊNCIAS.....	15

1 TEMA

Neste projeto de pesquisa científica, iremos nos aprofundar no tema: machismo em instituições de educação federais.

2 DELIMITAÇÃO DO TEMA

Pesquisa sobre a frequência com que as professoras do Ensino Médio Técnico Integrado do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), câmpus Jaraguá do Sul, Centro, sofrem ou sofreram machismo durante a sua graduação e trajetória profissional.

3 PROBLEMA DE PESQUISA

Com qual frequência as pessoas da educação, que se identificam como mulheres, sofrem ou sofreram preconceito relacionado às questões de gênero durante a sua jornada de trabalho/ensino?

4 HIPÓTESES

Para tentar responder nosso problema de pesquisa apresentaremos algumas hipóteses que envolvem nosso tema de pesquisa, são elas:

Discriminação entre os colegas de trabalho devido a construção histórico-cultural de que as mulheres devem servir os homens mantendo-se submissas. Um exemplo é o grau de titulação das professoras, na maioria dos casos se mantém na graduação ou uma especialização.

Percepção de comportamentos e manifestação de ideias preconceituosas por parte dos alunos, em razão da passagem de pensamentos e opiniões machistas na educação das crianças pelos pais ou responsáveis. Tal educação incentiva a normalização de tais pensamentos, gerando um comportamento que os acompanha para as interações com as professoras.

Desqualificação das professoras por meio de argumentos pseudocientíficos, afirmando (seja diretamente ou indiretamente) que as mulheres seriam cognitivamente inferiores aos homens.

Inseguranças em razão da falta de professoras em instituições de ensino em cargos de liderança.

5 OBJETIVOS

5.1 OBJETIVO GERAL

Relacionar a regularidade da violência machista no Ensino Médio Técnico Integrado do Instituto Federal de Santa Catarina, câmpus Jaraguá do Sul, Centro, com possíveis formas de enfrentamento.

5.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Verificar como as professoras se sentem em relação a existência do machismo, como foram tratadas durante sua trajetória e como são tratadas pelos colegas de trabalho e alunos.
- Descobrir o quão o machismo está normalizado no ambiente de trabalho onde as professoras e colegas dividem o mesmo espaço. E através dos resultados obtidos das entrevistas feitas com as professoras podemos concluir se o machismo ainda existe ou não.
- Conscientizar sobre a valorização da mulher em instituições de ensino e a necessidade de conter o machismo em todos os níveis e esferas, principalmente nos ambientes educacionais.

6 JUSTIFICATIVA

Sabe-se que o machismo é uma construção social e estrutural (Lerner, 2019), está presente na sociedade há muito tempo e continua acontecendo. Neste sentido, optamos por pesquisar e investigar a presença do machismo no IFSC de Jaraguá do Sul, uma vez que, nas vivências do grupo em sala de aula, durante o ensino

fundamental, em outras instituições de ensino, observamos que o machismo está enraizado no cotidiano escolar, deste modo, entendemos que é importante debater e refletir sobre esse tema.

A escolha do tema vem de vários fatores, como, a injustiça contra a famosa cientista Marie Curie, que mesmo sendo honrada com o maior prêmio das ciências teve sua entrada barrada na academia de ciências de Paris, isso sendo uma clara demonstração do preconceito contra as mulheres do mundo acadêmico e das ciências,

[...] Marie Curie, ganhadora do prêmio nobel de física, em 1903. sabe-se que sua saga começou bem cedo, sua perseverança e força de vontade desde criança a fez destacar-se, a conhecer e aproveitar a ajuda de preceptores importantes, que a trilho para a ciência, área que ela tomou gosto e intensificou seus estudos. Já com resultados de pesquisas a serem expostos, mesmo tendo gabarito para isto, sabe-se que Marie Curie não obteve permissão para acessar a academia de ciências de Paris, sendo vetada em duas oportunidades, ambos os casos ocorridos após ela ter recebido o seu primeiro prêmio nobel (CHASSOT, 2004). Dessa forma, não obteve êxito em expor suas comunicações resultante de suas pesquisas naquela academia, pois, não permitia a entrada de mulheres [...] (Lopes; Moraes; Santos, 2021, p. 24).

Assim como da desigual divisão de trabalho que existe entre o homem e a mulher, Sousa e Guedes (2016) dizem que: mulheres em uniões conjugais têm, no mínimo, 9 horas a menos de trabalho remunerado e quatro horas a mais de trabalho doméstico comparado aos homens, diariamente.

Por estes e outros motivos, é de suma importância investigarmos se o machismo persiste em instituições educacionais, assim como precisamos abandonar estereótipos, ideias que estão enraizadas, e entendermos que desigualdades de gênero estão presentes também em ambientes escolares, deste modo podemos criar medidas educativas e expositoras já desde as séries iniciais de educação.

Após uma pesquisa no Google, utilizando os termos: machismo, feminismo, educação e mulheres, não encontramos materiais e pesquisas sobre o tema realizadas em Jaraguá do Sul a partir de 2018 e no site do Conectando Saberes, encontramos um único artigo sobre feminicídio em meio a todos os arquivos do programa. Neste caso, o nosso projeto de pesquisa é inédito no assunto, sendo de extrema importância abordar o machismo em ambientes educacionais.

7 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA / REVISÃO DE LITERATURA

Acreditamos que seja de conhecimento alheio, ou deveria, o quanto o machismo está presente na sociedade atual, não apenas nas instituições educacionais, que é o alvo principal da nossa pesquisa, presente no cotidiano, no nosso dia a dia, naturalizado.

Usaremos como principais referências autoras(es) como: Ania Malinowska (2020) que aborda o feminismo, mostrando ele como um movimento histórico sociocultural e também as duas ondas do feminismo. Joasey Pollyanna Andrade da Silva (2021), Valter Moura do Carmo (2021) e Giovana Benedita Jaber Rossini Ramos (2021) abordam feminismo e o contexto histórico do machismo. Neil Franco (2018 e 2019) fala sobre transfobia, o contexto histórico dela e o binarismo. Gerda Lerner (2019) aborda o machismo no contexto histórico, mostrando que machismo é um processo histórico e menciona aspectos culturais e religiosos. Já para o machismo na atualidade são utilizados alguns autores, Silva e Mendes (2015), Guilherme, Costas, Alves e Santos (2023), Ramalho, Soares e Cardoso (2025), Heffel e Silva (2016) e Sousa e Guedes (2016) dentre outros autores para temas paralelos.

7.1 MACHISMO NO CONTEXTO HISTÓRICO

De acordo com Malinowska (2020) o feminismo é um movimento derivado de inúmeros fenômenos socioculturais que ocorreram na história da humanidade, tendo sempre uma correlação com a mídia, que é a mais poderosa ferramenta de disseminar conhecimento e ideias para um amplo público, o termo “feminismo” foi concebido no ano de 1837, pelo filósofo socialista radical Charles Fournier (1772-1837) como uma reação aos movimentos ativistas da época a favor do voto feminino, e desde então o movimento já teve 4 diferentes ondas ao longo da história, das quais nos aprofundaremos em apenas duas.

De acordo com um estudo realizado pela universidade federal de Uberlândia (UFU) por Silva e Mendes (2015), às relações de machismo estão ainda muito presentes em nossa sociedade, e por serem tão enraizadas, tais relações afetam o

modo como as massas pensam e até aprendem, esse estudo aponta que as mulheres são estigmatizadas e colocadas dentro de estereótipos de trabalhos sem status quo, como limpeza doméstica ou educação, e isso é algo que vem de muito tempo, pois por um grande período uma das únicas possibilidades de profissão para mulheres era a área da educação, algo que moldou uma geração e criou grandes educadoras, pois por muito tempo mulheres que hoje seriam grandes empresárias ou líderes, não podiam ascender tanto em uma carreira, então elas ficavam contidas dentro deste “domo” profissional gerado pelo machismo estrutural.

De acordo com o estudo realizado pela Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES) Ramalho, Soares e Cardoso (2025), o machismo nas escolas se manifesta de diversas maneiras dentro da sala de aula, tanto por parte de alunos quanto de professores. Essas atitudes podem ser sutis, como comentários desnecessários, interrupções quando elas querem falar ou piadinhas sexistas. Mas também podem ser mais graves, como toques sem consentimento, palavras grosseiras e humilhação na frente de colegas. Essas atitudes fazem um ambiente intimidante para alunas e professoras, que muitas vezes se sentem silenciadas ou inseguras dentro do ambiente escolar.

7.1.1 Primeira e segunda ondas do feminismo

De acordo com o estudo feito por Malinowska (2020), de título: “Waves of feminism”, a primeira onda do feminismo foi extremamente primitiva se levarmos em consideração os padrões de hoje, mas para a sociedade patriarcal e estruturalmente e radicalmente machista da época, foi um fenômeno inovador e pioneiro, essa onda, mesmo sendo um movimento global, teve concentração nos Estados Unidos e no Oeste Europeu, e trazia como objetivo pintar a imagem da então chamada “nova mulher”, que era um ideal feminino da época, e ao mesmo tempo denunciava as condições precárias femininas e o acesso limitado de mulheres a coisas como educação e propriedade.

Suas formas de protesto envolviam marchas públicas, sermões e principalmente a escrita, esta última parte foi tão relevante que como consequência desse movimento, surgiu o “Lily”, o primeiro jornal editado e publicado por mulheres,

nos Estados Unidos, que coincidiu com o jornal feminista francês, “La voix de las femmes” (a voz das mulheres) então evidenciando o âmbito global desse movimento, e a fundamental importância da escrita nesse movimento, que visava mudar o modo de pensamento machista da sociedade doravante, afirma Malinowska (2020).

A Segunda Onda do Feminismo se iniciou após o caos pós-guerra, ocorreu durante o ano de 1960 e 1980 como um movimento de busca de igualdade entre os gêneros, igualdade essa que evidentemente, foi conquistada apenas no papel, tendo em vista que era notado que ainda era muito presente no pensamento geral da sociedade da época, começa então a se criarem questionamentos sobre os ideais de gênero e feminilidade as ideias de papéis femininos e a discriminação, destacam-se então, diferentes pensadoras, como: Simone de Beauvoir e Betty Friedan (Silva; Carmo; Ramos, 2021).

Simone de Beauvoir, em sua obra “O Segundo Sexo” destaca o questionamento do que seria uma “mulher”, a existência de uma essência feminina, era também uma crítica a como muitos pesquisadores homens se colocavam no centro da humanidade, categorizando as mulheres como outros seres, diferentes e inferiores, e que deveriam ser colocadas de lado, além de evidenciar a ideia de gênero como uma construção social, “não se nasce mulher, torna-se” (Silva; Carmo; Ramos, 2021). Betty Friedman era uma escritora americana, foi autora da obra *A mística feminina*, na época de 1963, era comum os americanos sempre relacionarem o gênero feminino aos serviços como: cuidadora do lar, dona de casa, etc. Isso parte da ideia de que a mulher em sua essência teria sido desenvolvida, seja por uma divindade ou pela biologia, como mais frágil, instável emocionalmente e com seu raciocínio voltado a atividades que não demandam de lógica nem esforço físico demasiado. No livro, Betty faz questão de questionar a rotulação e divisão dos papéis sociais, aqueles que se permaneciam intrínsecos na visão do que seriam os gêneros da população americana, como destaca Silva, Carmo e Ramos:

A mulher era culturalmente, por uma visão patriarcal, confinada ao espaço privado, “do lar”, submissa plenamente à figura masculina, quer fosse seu genitor ou companheiro; e quando casada, era tratada como mero objeto de procriação, considerada como propriedade dos homens, aos quais tinha o dever de obediência e subordinação. As mulheres eram oprimidas,

escravizadas, exploradas, abusadas por homens que achavam possuir algum direito sobre a classe feminina. Por essa razão, as mulheres buscaram constantemente o seu direito de liberdade e de igualdade. (Silva; Carmo; Ramos, 2021, p. 102).

Deste modo, podemos notar que o machismo da história se mantém até a atualidade com discursos semelhantes aqueles que já eram apresentados na história, a separação dos papéis de gênero de forma que o feminino é considerado fraco e frágil e incapaz de executar trabalhos fisicamente difíceis, a falta de confiança quando as mulheres pegavam cargos que segundo os homens elas não poderiam trabalhar naquele cargo, que necessitam de inteligência lógica e emocional, pela visão arcaica de que o feminino seria intelectualmente inferior. Podemos ver também que as definições de gênero já eram questionadas a muito tempo, porém mesmo com lutas, o ideal machista se perpetua muito forte nos tempos atuais.

Todos os ideais machistas que existem nos tempos atuais, na verdade foram formulados e desenvolvidos ao longo da história, seja por um dogma religioso, como destacado pela Lerner (2019, p. 39) “Eles argumentam que: se à mulher foi atribuída, por planejamento divino, uma função biológica diferente da do homem, a ela também devem ser atribuídas diferentes tarefas sociais”. Também eram atribuídas justificativas biológicas para tal tipo de pensamento, onde acreditavam que pelas características biológicas diferentes entre os sexos, com alguma ligação direta com a teoria darwinista também deveriam existir diferentes atribuições sociais para os mesmos.

7.2 MACHISMO NA ATUALIDADE

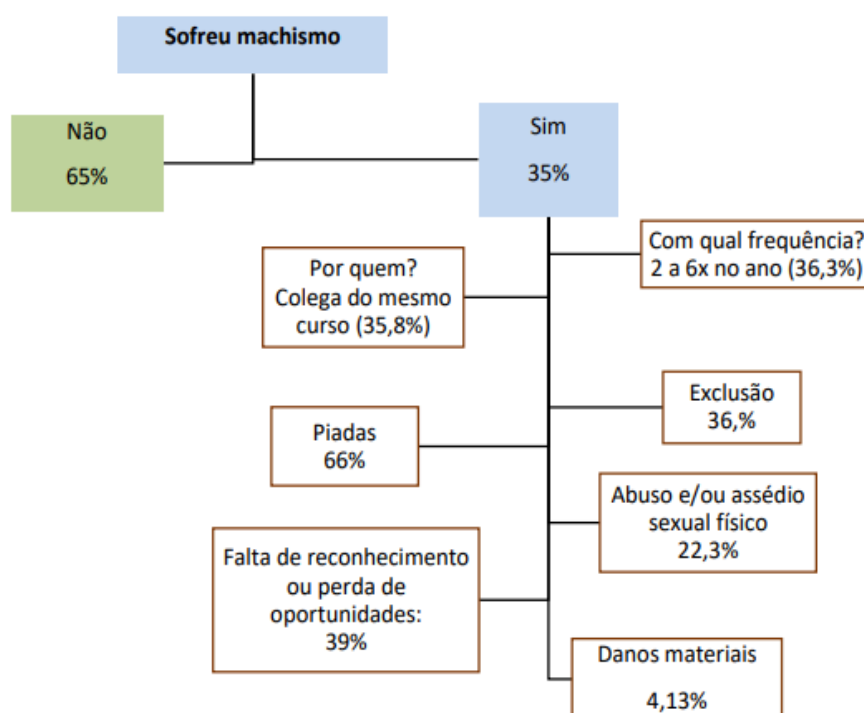
É dever da sociedade refletir sobre o machismo em espaços educacionais públicos, e sabermos que algumas ações do nosso cotidiano são frutos do machismo que está enraizado, para então, discutirmos como é prejudicial continuar com essa visão na sociedade atual.

Segundo Silva e Mendes (2015), o machismo ocorre de uma forma tão “natural”, que não nos permite perceber os efeitos das diferenças nos ambientes escolares. As interações entre menina e menino, mulher e homem, revelam

possíveis opressões por meio de gestos, movimentos e falas, como já dito antes, isso se torna tão natural, que passa a compor os jeitos de ser menina ou ser menino, homem ou mulher, escolhendo seus espaços e definindo comportamentos ideais e esperados.

Como já citado na introdução da fundamentação teórica e no último parágrafo, o machismo se tornou algo natural na nossa sociedade, principalmente nos ambientes escolares. Desse modo, os autores Guilherme, Costas, Alves e Santos (2023), destacam o machismo como algo naturalizado, principalmente nas piadas. Consultando os resultados de suas entrevistas, é possível perceber que 66% dos entrevistados sofreram machismo através de piadas (figura 1).

Figura 1: O machismo pela ótica de quem sofreu.



Fonte: Expressões do machismo entre universitários de uma instituição do Sul do Brasil (2025).

Acesso em: 10 jun. 2025.

De acordo com as entrevistas feita por Ramalho, Soares e Cardoso (2025), a maioria das mulheres entrevistadas sofreram machismo ou assédio na universidade

em que frequentam (tabela 1) e também, mais que a metade dessas alunas que sofreram assédio ou machismo, preferiram não relatar sobre o ocorrido (tabela 2), a opção de não relatar pode estar atribuída ao sentimento de culpa. E, segundo Bandeira (2014, p. 12 *apud* Ramalho; Soares; Cardoso, 2025),

A violência contra a mulher constitui-se em fenômeno social persistente, multiforme e articulado por facetas psicológica, moral e física. Suas manifestações são maneiras de estabelecer uma relação de submissão ou de poder, implicando sempre em situações de medo, isolamento, dependência e intimidação para a mulher. É considerada como uma ação que envolve o uso da força real ou simbólica, por parte de alguém, com a finalidade de submeter o corpo e a mente à vontade e liberdade de outrem.

Tabela 1: Informação sobre as alunas pesquisadas.

Universitárias	Já sofreu machismo ou assédio dentro da universidade?
Aluna 1	Sim
Aluna 2	Não
Aluna 3	Sim
Aluna 4	Sim
Aluna 5	Sim
Aluna 6	Não
Aluna 7	Sim
Aluna 8	Sim
Aluna 9	Não
Aluna 10	Não
Aluna 11	Não
Aluna 12	Não
Aluna 13	Sim
Aluna 14	Sim
Aluna 15	Sim
Aluna 16	Não
Aluna 17	Sim
Aluna 18	Sim

Fonte: O machismo e as violências contra as mulheres no espaço acadêmico (2025).

Acesso em: 10 jun. 2025

Tabela 2: Insegurança das alunas.

Acadêmicas	Relataram o fato para alguém?
Aluna 1	Sim
Aluna 2	–
Aluna 3	Sim
Aluna 4	Sim
Aluna 5	Não
Aluna 6	–
Aluna 7	Não
Aluna 8	Sim
Aluna 9	–
Aluna 10	–
Aluna 11	–
Aluna 12	–
Aluna 13	Não
Aluna 14	Sim
Aluna 15	Não
Aluna 16	–
Aluna 17	Não
Aluna 18	Não

Fonte: O machismo e as violências contra as mulheres no espaço acadêmico (2025)

Acesso em: 10 jun. 2025.

Segundo Weyl (2010 *apud* Heffel; Silva, 2016), hoje em dia, a mulher é vista tendo apenas uma função, reprodução sexual, sem levar em conta suas potencialidades natas, não reconhecem o protagonismo na sociedade que as mulheres têm.

As atribuições socialmente definidas para homens e mulheres, no fim das contas, permanecem nas concepções culturais, uma vez que delegam ainda às mulheres as responsabilidades da reprodução social (Sousa; Guedes, 2016, p. 123).

Vimos que as interações sociais entre homens e mulheres são desiguais, hierarquizadas, sendo marcadas pela opressão do sexo masculino em relação ao feminino. Segundo Sousa e Guedes (2016), “estabelecendo uma relação assimétrica entre os sexos que cria e reproduz concomitantemente as desigualdades de papéis e funções na sociedade”.

8 METODOLOGIA

Este projeto de pesquisa de natureza qualitativa quanto a abordagem, de cunho exploratório, tirando uma amostra do universo das profissionais do Instituto Federal de Santa Catarina, câmpus Jaraguá do Sul, Centro, a partir de questionários e entrevistas por pauta (Gil, 1999).

Para efetuar esta pesquisa, serão realizadas as seguintes atividades:

- Iremos utilizar de revisão bibliográfica (leituras de livros e artigos científicos), elaborando fichamentos;
- Levantamento da quantidade de professoras do Instituto Federal de Santa Catarina, câmpus Jaraguá do Sul, Centro;
- Utilizaremos a amostragem por tipicidade ou intencional, onde iremos escolher as professoras que serão entrevistadas com base nos conhecimentos prévios e considerando que elas representam toda nossa população (Gil, 1999);
- Elaborar as pautas das entrevistas que serão feitas (Gil, 1999);
- Entrevistar as educadoras do Instituto Federal de Santa Catarina, câmpus Jaraguá do Sul, Centro, procurando saber relatos sobre o machismo durante o período de atuação como educadora e durante o período de formação no ensino superior;
- Analisar os áudios das entrevistas;
- Buscar compreender e verificar as ocorrências de machismo em diferentes períodos, bem como observar se este processo aumentou ou não nos últimos anos e o quão presente ele está no IFSC, câmpus Jaraguá do Sul, Centro;
- Revisar todo o material, começar a elaboração do projeto final.

REFERÊNCIAS

- FRANCO, Neil. Transfobia e cotidiano escolar: impactos na relação docente/discente. **Revista de Educação Pública**, Cuiabá, v. 27, n. 65, 1. ed., p. 469-486, maio/ago. 2018. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/repub/v27n65s1/2238-2097-repub-27-65-s1-469.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2025.
- FRANCO, Neil. **Entre as fronteiras do gênero e das sexualidades**. Juiz de Fora, MG: UFJF, 2019. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/editora/wp-content/uploads/sites/113/2021/06/ENTRE-AS-FRONTI-EIRAS-DO-G%C3%8ANERO-E-DAS-SEXUALIDADES.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2025.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- GUILHERME, Alexandre; COSTA, Joacir Marques da; ALVES, Camila Aloisio; SANTOS, Cristiane Silveira dos. Expressões do machismo entre universitários de uma instituição do Sul do Brasil. **Revista Internacional da Educação Superior**. Campinas, v. 28, p. 1-28, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/aval/a/8ZCV8ZgQ9Qmbg6DvDNd8WzM/>. Acesso em: 10 jun. 2025.
- HEFFEL, Carla Kristiane Michel; SILVA, Vinicius da. A construção da autonomia feminina: O empoderamento pelo capital social. **XII Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades**, Santa Cruz do Sul, jun. 2016, p. 1-10. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/18303>. Acesso em: 08 jun. 2025.
- LERNER, Gerda. Origens. In: LERNER, Gerda. **A Criação do Patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. Tradução de Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2019.
- LOPES, Marina Silveira; MORAES, Kewlem Fabiana dos Anjos de; SANTOS, Joilton Luiz dos. A MULHER E O CAMPO CIENTÍFICO: UM CAMINHO DE EMBATES QUE REVERBERAM NO SÉCULO XXI. **SAJES – Revista da Saúde da AJES**. Juína, v. 7, n. 13, p. 15-33, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://www.revista.ajes.edu.br/index.php/sajes/article/view/433>. Acesso em: 28 ago. 2025.
- MALINOWSKA, Ania. The International Encyclopedia of Gender, Media, and Communication. **Waves of feminism**. Silesia. v. jul de 2020. p. 1-7. Disponível em: https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:GhnTWnrPHGgJ:scholar.google.com/+waves+of+feminism&hl=pt-BR&as_sdt=0,5. Acesso em: 13 maio 2025.
- RAMALHO, Carla Chagas; SOARES, Evellyn Santos; CARDOSO, Fernanda de Souza. O machismo e as violências contra as mulheres no espaço acadêmico.

Revista Internacional de Educação Superior. Campinas, v. 12, p. 1-21, 2025.

Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/riesup/article/view/8675756/36090>.

Acesso em: 10 jun. 2025.

SILVA, Joasey Pollyanna Andrade da; CARMO, Valter Moura do; RAMOS, Giovana Benedita Jaber Rossini. AS QUATRO ONDAS DO FEMINISMO: LUTAS E CONQUISTAS. **Revista de Direitos Humanos em Perspectiva**, Encontro Virtual, v. 7, n. 1, p. 101-122, Jan/Jul. 2021. Disponível em:

<https://l1nq.com/ondas dofeminismo>. Acesso em: 19 maio 2025

SILVA, Maví Consuelo; MENDES, Olenir Maria. As marcas do machismo no cotidiano escolar. **Caderno Espaço Feminino**, Uberlândia, v. 28, n. 1, jan./jun. 2015, p. 90-99. Disponível em:

<https://seer.ufu.br/index.php/neguem/article/download/31723/17214/127896>. Acesso em: 19 maio 2025

SOUSA, Luana Passos de; GUEDES, Dyeggo Rocha. A desigual divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década. **Estudos Avançados**, Porto Alegre, v. 30, n. 87, maio/ago. 2016, p. 123-139. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ea/a/PPDVW47HsgMgGQQCgYYfWgp/?lang=pt>. Acesso em: 08 jun 2025.